

Hospitalidade em “território” português – a Festa da Vindima enquanto palco de manutenção das identidades entre luso-brasileiros

LEANDRO RODRIGUES GONZALEZ FERNANDEZ<sup>1</sup>

Este artigo é fruto de uma tese em desenvolvimento que dentre outros objetivos visa estudar como a trajetória da Casa de Portugal de São Paulo tornou-a um espaço de encontros sociais propícios à manutenção das identidades portuguesas entre os imigrantes e seus descendentes, além de retratar como o local pode ser identificado enquanto território português na cidade.

Por meio de um evento relacionado a cultura portuguesa, a Festa da Vindima, evidencia-se a hospitalidade encarnada no local. Neste artigo nos detemos a conceituar a hospitalidade e a aprofundar sua descrição no evento sob três aspectos: a recepção, o entretenimento e a alimentação. São categorias pertencentes a hospitalidade<sup>2</sup>, mas que também estão presentes na história cultural e destacados no evento retratado.

Para melhor compreensão do objeto de estudo, uma festa e a hospitalidade nela encarnada, remete-se ao ambiente em qual se insere, especificamente a Casa de Portugal de São Paulo.

Enquanto prática associativa<sup>3</sup> fundada essencialmente por imigrantes portugueses de São Paulo em 1935, a construção de sua sede foi concluída após uma série de dificuldades e inaugurada em 27 de dezembro de 1955 (VERDASCA, 1993).

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Izilda Santos de Matos, professor efetivo do curso de Tecnologia de Gestão em Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP).

<sup>2</sup> Utiliza-se aqui a noção de hospitalidade dada por Camargo (2004) que ao detalhar as práticas sociais relacionadas a hospitalidade relata o ato de receber, alimentar, entreter e hospedar.

<sup>3</sup> Inicialmente a Casa de Portugal de São Paulo foi fundada essencialmente por portugueses e, aos poucos, foram inserindo brasileiros e descendentes de imigrantes em cargos de direção. A esta situação inicial de associação com base em nacionalidade, compartilha-se com o entendimento de associativismo dado por Fonseca (2008), de que ao mesmo tempo que unem conterrâneos em torno de interesses comuns, são, inexoravelmente, também locais de exclusão.

Pelo período de fundação, a década de 30 do século XX, destaca-se enquanto idealizador o Dr. Ricardo Severo (1869-1940), engenheiro civil português imigrado em 1891 fugido por participar ativamente da Revolta Republicana do Porto e membro da equipe do escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo.

Ricardo Severo incentivava a manutenção de tradições portuguesas e defendia seu ponto de vista em relação a formação de uma arquitetura nacional inspirada na colônia portuguesa. Como figura influente na época, credita-se a sua atuação a inspiração para edificação da sede da Casa de Portugal de São Paulo, situada a Avenida da Liberdade no número 602. Do livro de um memorialista que conta a história da fundação da associação até a construção do edifício sede, destaca-se um trecho de discurso de Ricardo Severo em momento que idealiza os objetivos futuros do local:

(...) fomos contudo passíveis de cautelosa suspeição, como energúmenos dum cisma reformador que pretendia uma nova orientação e, um sentido unitário para as diversas instituições portuguesas estabelecidas nesta terra, por via dum intrépido esforço e de um elevado sentimento humanitário, que de boa mente admirávamos e constantemente louvávamos, em sinceras e públicas afirmações.

(...) Deste conjunto de observações resultaram várias teses e projetos que foram discutidos em tertúlias e sessões públicas de alguns grêmios portugueses, que se concentraram nos três institutos fundamentais: uma escola de cultura portuguesa; uma Câmara Portuguesa de Comércio; uma Casa de Portugal com centro agremiativo, para a unidade moral e moral e cívica da Colônia. (SIMÕES, 1940, apud VERDASCA, 1993, p.70-71)

Destaca-se desse trecho de discurso de Severo o caráter reformador e, portanto, distinto das demais associações portuguesas, voltado a unificação, ou seja, pela conveniência política de estabelecer uma nacionalidade de origem comum justificando-se para tal as características adaptáveis do povo português ao extenso território brasileiro e a falta de amparo oficial da metrópole. Soma-se a esse, outro discurso do engenheiro proferido em 05 de outubro de 1918 no Centro Português Republicano de São Paulo a respeito de seus planos:

A Casa de Portugal será ainda mais: um templo dos portugueses como afirmação unitária da Colônia e, portanto, da Nação Portuguesa; a solidez do

seu organismo social impor-se-á neste meio e terá, para a defesa dos interesses econômicos e políticos, não só da Colônia como da metrópole, uma importância superior à das associações em que se subdividem os portugueses (...)

A sua fachada será em estilo português e terá, como motivo dominante, uma porta tão ampla, que por ela caibam quantos portugueses hajam na Colônia, quaisquer que sejam suas crenças religiosas ou convicções políticas, pois que um único pavilhão tremulará no seu mastro de mesena, tendo o Símbolo Augusto da Pátria, que é a única e sempre a mesma, independente da fórmula dos seus governos.(SIMÕES, 1940 apud VERDASCA, 1993,p.72)

O trecho acima deixa clara a intenção da Casa de Portugal em representar a Nação Portuguesa e marcar sua presença em São Paulo, impondo-se ao território marcando-o com seu estilo arquitetônico manuelino, bem como a bandeira portuguesa representando a Nação.

Cabe ressaltar a distinção do caráter nacionalista em contraposição às demais associações, visto que boa parte delas possuíam caráter regionalista tais como Casa dos Açores, Casa da Ilha da Madeira e etc. que segmentam suas festividades e tradições pautadas em seus contextos locais. No livro do memorialista Verdasca (1993) alude-se a aprovação às ideias de Ricardo Severo “cujos argumentos eram comprovados pela incapacidade de os muitos centros Regionais congregarem os nossos compatriotas, e resolverem as necessidades e problemas dos emigrantes menos favorecidos” (VERDASCA, 1993, p.72).

Em específico ao trecho do discurso de Ricardo Severo muito repetido “A sua fachada será em estilo português e terá como motivo dominante, uma porta tão ampla, que por ela caibam quantos portugueses hajam na Colônia.” enquanto intuito de acolher a todos os portugueses independente de qualquer coisa, a princípio pode parecer um lema relacionado a hospitalidade, mas que no fundo revela um lado de exclusão. Pois conforme análise mais aprofundada sobre o engenheiro civil, percebe-se que também existe uma condição de aceitar os valores impostos pelo local, existe uma relação dúbia.

De acordo com Montandon (2003, p. 131) “[...] A hospitalidade é sinal de civilização e de humanidade [...]”. Civilidade é o que diferencia o homem do selvagem. “A

hospitalidade é uma maneira de viver em conjunto [...]” (MONTANDON, 2003, p. 132).

Para viver em conjunto é necessário evitar o conflito, o embate, nesse sentido a hospitalidade pode ser considerada um ritual de apaziguamento necessário para que a fronteira entre o eu e o outro gere uma relação positiva.

Para Montandon (2003, p. 133) a fronteira marca o limite da relação:

Tudo se inicia nessa soleira, nessa porta onde batemos e que vai se abrir apresentando uma figura desconhecida, estranha. Limite entre dois mundos, entre o exterior e o interior, o externo e o interno, a soleira é a etapa decisiva comparável a uma iniciação. É a linha de demarcação de uma intrusão, pois a hospitalidade é intrusiva, comporta *nolens volens*<sup>4</sup> uma face de violência, de ruptura, de transgressão e mesmo de hostilidade, que Derrida chama de hospitalidade. A soleira marca uma fronteira, uma passagem, e sua ultrapassagem implica tacitamente para o convidado a aceitação das regras do outro. A apropriação sobre o domínio do outro é um problema ao mesmo tempo de proxêmica e de propriedade. *Território est terra plus terror*. Tal é a questão do próprio, daquilo que constitui minha identidade ao pertencer a um território, a um espaço onde outro aparece de uma maneira ou de outra como um intruso. O gesto de hospitalidade é, primeiramente, deixar de lado a hostilidade latente de qualquer ato de hospitalidade, pois o convidado, o estranho aparece freqüentemente como reservatório de hostilidade.

Na linguagem simbólica da soleira dada por Montadon (2003) para se referir a fronteira enquanto limite da relação civilizada, remete-se a soleira da “porta tão ampla” da Casa de Portugal de São Paulo que acolherá tantos quantos portugueses hajam na Colônia. Tal acolhimento se dará desde que o convidado aceite tacitamente as regras locais. O que equivale a dizer, em termos identitários, aceitar a existência de uma Nação Portuguesa.

A hospitalidade possui duas dimensões, espacial e humana. Em sua dimensão humana encontra-se a dádiva, teoria sob a qual a hospitalidade é estudada e explicada. Já em sua dimensão espacial, a hospitalidade pode ser tratada enquanto ambiente que acolhe e abriga o indivíduo, sobretudo na realização de um evento, objeto aqui estudado.

---

<sup>4</sup> Em latim: querendo ou não.

Camargo (2004) remete-se ao *Ensaio sobre a dádiva e o dom* (1974) de Marcel Mauss para tentar explicar o fenômeno de circulação dos bens em nossa sociedade. Intriga-se com costumes tão antigos da humanidade como a troca de presentes, que embora persista nos círculos sociais atuais de forma diferenciada, tem seu sentido atrelado à premissa de Mauss de que dar, receber e retribuir constituíam a base dos vínculos sociais das sociedades arcaicas, iniciadas com a dádiva. E aponta (2004, p.16): “Começa com uma dádiva que parte de alguém. A retribuição é uma nova dádiva que implica um novo receber e retribuir, gerando dons e contradons, num processo sem fim.”

Para o autor muitos dos estudos da hospitalidade remete-se ao mencionado ensaio de Mauss pelo fato deste sempre se reportar a dádiva, porque a hospitalidade, assim como a dádiva, também requer uma continuidade. O hóspede torna-se hospedeiro em outra ocasião.

Camargo (2004) deixa clara a aproximação existente entre dádiva e hospitalidade ao desmembrar didaticamente a dinâmica do dar-receber-retribuir presente neste fenômeno. O autor desmembra a dinâmica em seis partes, denominadas por ele de leis não escritas.

Em primeiro lugar, a hospitalidade começa com uma dádiva. Para ele nem toda dádiva se insere dentro da hospitalidade, mas toda ação de hospitalidade começa com uma dádiva.

Ainda para o autor a dádiva implica em sacrifício, significa abrir mão de algo seu para receber o hóspede. Esse sacrifício pode variar em intensidade, desde um café já passado até despender de uma certa quantia de dinheiro para melhor acomodá-lo (CAMARGO, 2004).

Toda dádiva traz implícito algum interesse, que pode ser nobre ou simplesmente filantrópico, mas de acordo com Camargo (2004) ele não pode ser revelado:

Essa lei não escrita não abole o interesse, apenas exige que ele não se instrumentalize sob a forma de um negócio que se quer fechar, ou simplesmente a troca do que se oferece por um outro bem, principalmente o dinheiro. Não abole igualmente a perspectiva de uma retribuição futura,

apenas exige que se aja como se a retribuição não fosse necessária (CAMARGO, 2004, p. 20-21).

Em quarto lugar, o dom deve ser recebido, aceito. Camargo chama a atenção ao risco de rompimento de vínculos caso o dom não seja aceito:

Recusar um presente, uma honraria, uma lembrança é algo que ainda soa insultuoso mesmo em nossos dias. Não aceitar a dádiva desencadeia o mecanismo oposto da hospitalidade, que é a hostilidade, palavra de mesma raiz etimológica. Não ir ao encontro da mão que nos é estendida é mais do que recusar o vínculo social proposto. Significa agressão (CAMARGO, 2004, p. 21).

Segundo o autor receber implica aceitar uma situação de inferioridade diante do doador.

[...] A hospitalidade é sempre assimétrica. Receber algo de presente resulta na consciência de uma situação clara de desvantagem. Quem recebe a dádiva deve manifestar alegria mesmo sentindo que assume um débito para com aquele que doou. O donatário fica a mercê do doador.

Por isso, esse ato de receber não é tão simples e tantas dádivas são, às vezes, recusadas. A dádiva traz implícito um débito. Tudo se passa como se o donatário recusasse não a dádiva, mas a dívida, a obrigação de retribuir implícita no gesto de receber (CAMARGO, 2004, p. 22-23).

E por fim, quem recebe, deve retribuir, iniciando novamente o ciclo com uma nova dádiva prolongando os vínculos sociais (CAMARGO, 2004).

No sentido expresso pelo autor de que receber ou aceitar a hospitalidade (ou dádiva) implica uma situação de inferioridade, infere-se que participar de festividades, ultrapassar a fronteira da soleira da porta da Casa de Portugal de São Paulo, significa aceitar o que ali é divulgado enquanto representação da cultura portuguesa.

Essa fronteira estabelecida no limite da relação civilizada ou hostil, denota um sentido territorial a hospitalidade. O espaço passa a incorporar uma série de códigos próprios e compartilhados pelos frequentadores dele. A hospitalidade constitui-se no ato de acolher o outro, o diferente no seu espaço. No entanto essa dádiva simbolizada pela cessão espacial pressupõe, implicitamente, limites aos quais o indivíduo deve conhecer e respeitar.

Para constatar a Casa de Portugal enquanto *território português*, se faz necessário definir o conceito de *território*, baseado num geógrafo muito conceituado, denominado Milton Santos<sup>5</sup>. Volta-se então ao conceito de *espaço geográfico*, segundo o mesmo autor, para evidenciar a dialética existente entre as atividades humanas e o território: "[...] O espaço é formado por um conjunto, indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações [...]"(SANTOS,2002,p.63). Sistemas de objetos e sistemas de ação interagem entre si, dinamizando o espaço geográfico.

[...] A configuração territorial, ou configuração geográfica tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. (SANTOS,2002,p.62).

Fica clara, para o autor, a relação existente entre configuração territorial e relações sociais. Ou seja, o que configura o *território* são suas características materiais somadas às ações sociais nelas estabelecidas, daí o conceito de *território* que se diferencia de *espaço geográfico*, pois este, em sua porção física, muitas vezes é estudado em sua dimensão estática.

Ainda de acordo com o autor, os sistemas de objetos e de ações se confundem e interagem, produzindo novos objetos e novas práticas, influenciando-se mutuamente, e gerando transformações no espaço ocupado. Sob esse aspecto, coloca-se:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS,2002,p.63).

É por isso que nos pode-se remeter à Casa de Portugal de São Paulo como *território português*, visto que o objetivo de sua existência, conforme divulgado em

---

<sup>5</sup> Foi professor da Universidade Federal da Bahia e professor emérito de Geografia Humana na Universidade de São Paulo (FFLCH). Entre os assuntos que se dedicou em vida estão a problemática da urbanização no Terceiro Mundo e a teoria e a metodologia geográfica, temas sobre os quais publicou artigos e livros em diversos idiomas. Desenvolveu uma carreira de destaque internacional, tendo ganhado diversos prêmios e títulos científicos. Nasceu em 1926 e faleceu em 2001. In: SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.



folheteria e em seu próprio sítio na internet, favorece a frequência dos luso-brasileiros, ou seja, imigrantes portugueses que tenham se estabelecido pela cidade e seus respectivos descendentes, conforme é apresentada:

A Casa de Portugal de São Paulo dispõe de um patrimônio de grandes proporções, ressaltando a tradição e a preservação dos valores históricos e culturais dos portugueses em São Paulo.<sup>6</sup>

Remetendo-se ao conceito de território dado por Santos (2002), no qual a configuração territorial depende também das relações sociais, e analisando como a Casa de Portugal é apresentada e designada à preservação de valores históricos e culturais portugueses, afirma-se o termo "*território português*" como apropriado para designar o local.

A seguir será tratado de como a hospitalidade nas festividades da Casa de Portugal de São Paulo é expressa, mais especificamente, será abordada a Festa da Vindima.

A Festa da Vindima é realizada na Casa de Portugal há vários anos. Na biblioteca da Casa encontra-se o registro dessa festa desde 2008, ano no qual a mesma foi filmada e gravada em DVD. No entanto, por meio de informações obtidas com funcionários do local, a mesma realiza-se desde 1989.

Em consulta ao clipping de notícias organizado pela bibliotecária da Casa de Portugal, a Festa da Vindima começou a ser incluída como evento na pasta sobre o Grupo Folclórico em 2008. Essa pasta reúne reportagens que relatam as apresentações do Grupo Folclórico da Casa de Portugal de São Paulo em diversas ocasiões, espaços e momentos.

Foi possível averiguar que de 2008 a 2013 a Festa da Vindima realizou-se no salão nobre da Casa de Portugal, variando entre o fim de fevereiro, mês de março até no máximo início de abril. A única exceção encontrada foi referente a ano de 2012, ocasião em que a festa foi realizada no mês de setembro, equivalente ao período da vindima

---

<sup>6</sup> Página institucional da Casa de Portugal de São Paulo, 2011.



realizada ainda hoje em algumas regiões de Portugal. Em todas as edições a descrição do cerimonial realizado na festa são semelhantes<sup>7</sup>.

Basicamente remete-se a um costume agrícola ligado a colheita das uvas com a finalidade da produção artesanal do vinho, bebida muito tradicional e valorizada pelos portugueses.

Em Portugal a vindima ocorre tradicionalmente no mês de setembro conforme determinação do próprio calendário agrícola. Já a festa realizada na Casa de Portugal de São Paulo pode variar de acordo com o calendário de festas portuguesas estabelecidas pela direção. O principal intuito é de relembrar aspectos da vida dos imigrantes portugueses, em sua maioria saídos da região norte, local em que ainda hoje se realizam essa prática.

O cerimonial da festa realiza-se no salão nobre da Casa de Portugal de São Paulo. O salão é arrumado de forma que mesas e cadeiras sejam compostas para melhor acomodação de famílias e pequenos grupos. As mais bem localizadas são reservadas para membros associados e diretores bem como para convidados especiais.

Na frente do palco é montada uma réplica de uma parreira, centralizada estrategicamente com o intuito de ser vista de qualquer parte do salão.

Antes do início da apresentação, à medida que o público vai chegando são acomodados às mesas. O serviço de buffet da Casa serve a todos. No cardápio destacam-se porções de alheiras, bolinho de bacalhau, tremessos, dentre outras iguarias nacionais e portuguesas. E sem dúvida há a opção de acompanhá-los com vinho português.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> As reportagens constantes nos clippings da Casa de Portugal, basicamente são elaborados a partir de três publicações dirigidas aos luso-descendentes: os jornais “Mundo Lusíada” e “Portugal em Foco” além da revista mensal Naus.

<sup>8</sup> Também existe a opção de pedir batatas fritas e outras porções nacionais bem como refrigerantes, água, sucos e cerveja.

Sempre ao fundo do salão há uma mesa com a venda de doces típicos portugueses: pastel de belém, queijada portuguesa, travesseiro de sintra, pastéis de santa clara.

O mestre de cerimônias é sempre algum diretor da Casa ou membro do Grupo Folclórico. Após as boas-vindas anuncia uma série de recados, agradecimentos e eventos que devem ocorrer em breve. Após sua apresentação o Grupo Folclórico entra pela parte de trás do salão e passa por um corredor deixado como local de passagem dirigindo-se ao palco.

Após a apresentação de danças e de algumas músicas<sup>9</sup> já conhecidas por vários dos presentes, integrantes do Grupo Folclórico encostam uma escada de madeira junto a parreira e iniciam a colheita das uvas em grandes cestos de vime.

Em cima do palco, ao centro, na mesma direção em que a parreira foi colocada no chão do salão, deixa-se uma dorna onde as uvas são depositadas. Ao som da música folclórica, alguns homens do grupo se colocam descalços, entram na dorna e procedem a tradicional pisa das uvas simbolizando como ocorria em Portugal.

Algumas moças do Grupo estendem no chão do palco uma toalha. Chega o momento do chamado farnel. Uma ceia é montada em cima do palco com pães, linguiças, tremossos, azeitonas e vinho.

A esses dois últimos momentos descritos, somam-se os convidados, que participam ativamente da encenação, subindo ao palco e servindo-se do farnel bem como aproximando-se das parreiras, tiram fotos, dançam e até pisam as uvas junto com o Grupo Folclórico.

Sobre este momento, remete-se a Bueno<sup>10</sup> (2003) que se dedica a Festa dos Santos Reis de Itápolis, interior de São Paulo, pra focalizar no plano da “festa”,a

---

<sup>9</sup> As músicas sempre são instrumentais, executadas pela concertina do Grupo Folclórico composta pela própria concertina (instrumento que assemelha-se ao acordeão), cavaquinhos e violão, além de instrumentos de percussão tais como reque-reque, ferrinhos (nosso triângulo) e bombo.

hospitalidade individual e coletiva pra confirmar que tanto a hospitalidade social como a individual estão marcadas pela prática da festa.

A autora acrescenta sobre a hospitalidade no momento de festa: “O espaço da vila se abre para “o outro”, excluindo diferenciações com o “exterior”, com generosidade, estabelecendo vínculos, contratos secretos de solidariedade.” (BUENO, 2003,p. 117)

Embora a festa aqui descrita não se realize no espaço público como a descrita pela autora supracitada, existe nos momentos de pisa da uva e compartilhamento do farnel uma abertura ao “outro”, de solidariedade, de hospitalidade.

Outro elemento que se remete ao acolhimento e a hospitalidade é que os integrantes do Grupo Folclórico, a uma certa altura, distribuem a todos os presentes, uma cesta com uvas, simbolizando assim o compartilhamento da colheita efetuada, o momento de festa pelo alcance nos resultados obtidos.

Esse acolhimento é próprio do ato de receber, elemento relacionado a hospitalidade de acordo com Camargo (2004). Outro elemento da hospitalidade na Festa da Vindima relaciona-se ao entretenimento proporcionado pelo Grupo Folclórico. Já alimentar enquanto tempo da hospitalidade é retratado pelo serviço do buffett de gastronomia portuguesa, bem como na distribuição e partilha das uvas.

Finaliza-se este artigo destacando que a hospitalidade é vivenciada de forma intensa na Casa de Portugal por meio da Festa da Vindima, mas não deixa de ser um assunto complexo, visto que ao mesmo tempo que acolhe e aproxima, impõe uma ideologia acerca das questões identitárias de Portugal. Nesse sentido reflete a tensão contida no ato de hospitalidade, que abriga o outro em seu espaço ao mesmo tempo que impõe determinadas condutas não escritas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

---

<sup>10</sup> Pedagoga com mestrado em Antropologia (UFG), Doutora em Sociologia pela USP. Atualmente é professora da Universidade Anhembi Morumbi atuando principalmente nos temas: hospitalidade, dádiva, festa, comensalidade e turismo.

BUENO, Marielys Siqueira. Festa dos Santos Reis: uma forma de hospitalidade. In: BUENO, Marielys Siqueira & DENCKER, Ada de Freitas Maneti (orgs.). *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Thomson, 2003.

CAMARGO, Luis Octávio de Lima. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da. Imigração: identidade e integração, 1903-1916. In: MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (Orgs.). *Deslocamentos e Histórias: os portugueses*. Bauru-SP: Edusc, 2008.

MONTANDON, Alain. *Hospitalidade Ontem e Hoje*. In: BUENO, Marielys Siqueira & DENCKER, Ada de Freitas Maneti (orgs.). *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Thomson, 2003.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

VERDASCA, José. *A Casa de Portugal e a Comunidade*. São Paulo: 1500 Comunicação e Marketing, 1993.

Casa de Portugal de São Paulo. *Institucional*. Disponível em: <http://www.casadeportugalsp.com.br>. Acesso em: 01/11/2011.